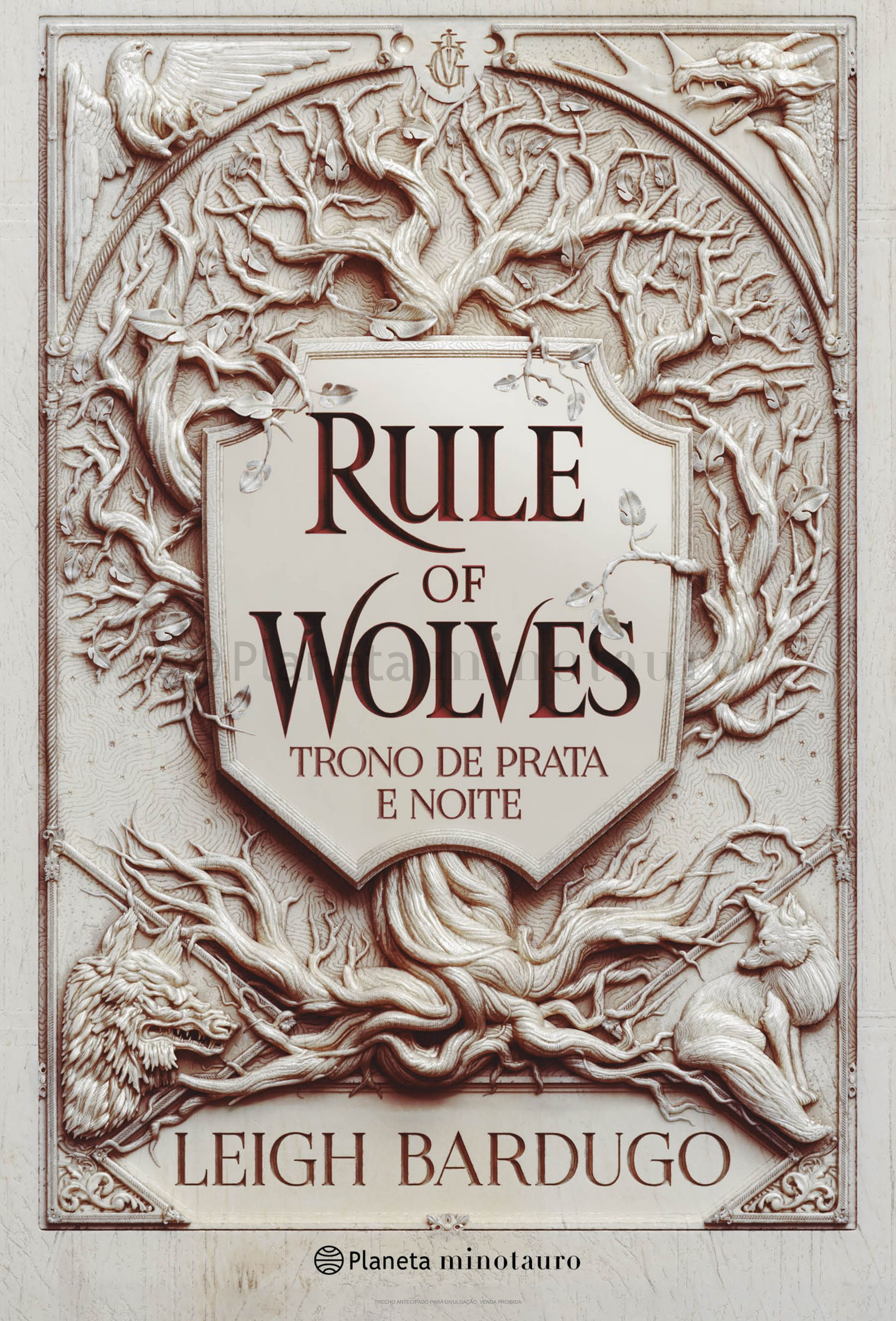




RULE OF WOLVES

TRONO DE PRATA
E NOITE

LEIGH BARDUGO

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

LEIGH BARDUGO

RULE OF WOLVES

TRONO DE PRATA
E NOITE

Tradução
Isadora Prospero



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leigh Bardugo, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Isadora Prospero
Todos os direitos reservados.
Título original: *Rule of Wolves*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Mariana Rimoli e Bárbara Parente
Diagramação: Maria Beatriz Rosa
Mapa: Sveta Dorosheva
Ilustração de capa: Hedi Xandt
Capa: Natalie C. Sousa
Adaptação de capa: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh

Rule of Wolves: Trono de Prata e Noite / Leigh Bardugo; tradução
de Isadora Prospero. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
528 p.

ISBN 978-65-5535-795-0

Título original: Rule of Wolves

I. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora

22-2873

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



A ILHA
ERRANTE

ROTA DOS OSSOS

JELKA

VILKI

NOVYI
ZEM

WEDDLE

Enseada
de Reb

Enseada
de Eames

PORTO SHRIFF

CABO
DE
EAMES

COFTON

COLÔNIAS DO SUL

Mar Real

KETHERDAM

BELENDT

KERCH

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. VENDA PROIBIDA



O REI DEMÔNIO

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



MAKHI KIR-TABAN, NASCIDA DO PARAÍSO, era uma rainha que descendia de uma longa linhagem de rainhas.

E elas eram todas tolas, ela pensou, seu pulso acelerando enquanto lia o convite em sua mão. Se não fossem, eu não estaria neste dilema agora.

A raiva não transparecia em seu rosto. O sangue não tomou suas faces lisas. Ela era uma rainha e se comportava à altura – as costas eretas, o corpo empertigado, a expressão controlada. Seus dedos não tremiam, embora cada músculo em seu corpo ansiasse por esmagar o papel coberto de letras elegantes até virar pó.

O rei Nikolai Lantsov, grão-duque de Udova, único soberano da grande nação de Ravka, e a princesa Ehri Kir-Taban, Filha do Paraíso, a Mais Eterea da Linhagem Taban, têm o prazer de convidar a rainha Makhi Kir-Taban para uma celebração de matrimônio na capela real de Os Alta.

O casamento ocorreria dali a um mês. Tempo suficiente para os criados de Makhi embalarem os vestidos e joias apropriados, convocarem o séquito real e prepararem um contingente da Tavgharad, as soldadas de elite que protegiam sua família desde que a primeira rainha Taban subira ao trono. Tempo de sobra para empreender a jornada por terra ou na nova aeronave de luxo que seus engenheiros tinham construído.

Tempo de sobra para uma rainha inteligente deflagrar uma guerra.

Mas, no momento, Makhi tinha que apresentar uma farsa aos ministros à sua frente na câmara do conselho. Sua mãe falecera apenas um mês antes. A coroa teria voltado à avó de Makhi, mas Leyti Kir-Taban tinha

quase oitenta anos e estava cansada dos transtornos de governar uma nação. Queria apenas podar suas rosas e viver no campo com uma série de amantes absurdamente belos, e portanto tinha dado sua bênção a Makhi e se retirado para o interior. Makhi fora coroada poucos dias após o funeral da mãe. Seu reinado era recente, mas ela pretendia garantir que fosse longo. Ela daria início a uma era de prosperidade e império para seu povo — e isso exigiria o apoio dos ministros reais que a encaravam agora, com os rostos cheios de expectativa.

— Eu não vejo uma mensagem pessoal de Ehri — ela disse, reclinando-se no trono. Deixou o convite no colo e permitiu que seu cenho se franzisse. — É preocupante.

— Deveríamos estar celebrando — apontou o ministro Nagh. Ele usava o casaco verde-escuro com botões de bronze da classe dos burocratas, como todos os ministros, e tinha as duas chaves cruzadas dos shu presas na lapela. Os ministros pareciam uma floresta de árvores severas. — Não é o resultado que estávamos esperando? Um casamento para selar a aliança entre nossas nações?

O resultado que vocês estavam esperando. Vocês querem que nos acovardemos atrás de nossas montanhas para sempre.

— É claro — ela disse com um sorriso. — Foi por isso que arriscamos enviar nossa preciosa princesa Ehri a uma terra selvagem. Mas ela deveria ter escrito um bilhete de próprio punho e nos dado algum indício de que está tudo bem.

A ministra Zihun pigarreou.

— Alteza Celestial, Ehri pode não estar feliz, mas apenas resignada. Ela nunca quis viver uma vida pública, muito menos longe do único lar que conheceu.

— Nós somos Taban. Queremos o que nosso país precisa.

A ministra inclinou a cabeça respeitosamente.

— É claro, Alteza. Devemos compor sua resposta?

— Farei isso pessoalmente — garantiu a rainha. — Como um sinal de respeito. É melhor começarmos essa parceria com o pé direito.

— Muito bem, majestade — apoiou-a Nagh, como se Makhi tivesse executado uma medida particularmente elegante.

De alguma forma, a aprovação do ministro irritou Makhi ainda mais do que a sua oposição.

Ela se ergueu e, em uníssonos, os ministros recuaram um passo, conforme o protocolo. Desceu do trono e suas guardas da Tavgharad a seguiram pelo longo corredor que levava ao santuário da rainha. A cauda de seda do vestido suspirou contra o chão de mármore, tão agitada quanto um de seus conselheiros. Makhi sabia exatamente quantos passos eram necessários para alcançar a privacidade de seus aposentos a partir da câmara do conselho. Tinha realizado o percurso inúmeras vezes com a mãe e, antes disso, com a avó. Agora ela os contou em ordem decrescente – cinquenta e seis, cinquenta e cinco – a fim de desafogar sua frustração e de pensar claramente.

Sentiu a presença do ministro Yerwei atrás de si, embora o som das sandálias dele fosse abafado pelas batidas rítmicas das botas da Tavgharad. Era como ser perseguida por um fantasma. Se ordenasse às guardas que cortassem a garganta dele, elas o fariam sem hesitar. E então, quando ela fosse julgada por assassinato – como até uma rainha podia ser, em Shu Han –, elas testemunhariam contra ela.

Quando alcançaram o santuário da rainha, Makhi passou sob um arco dourado e entrou em uma pequena sala de visitas construída em mármore verde-claro. Ela dispensou os criados à espera com um aceno e se virou para a Tavgharad.

— Não nos perturbem — instruiu.

Yerwei a seguiu através da sala de visitas até a sala de música, e por fim eles alcançaram o grande salão de recepções onde Makhi já se sentara no colo da mãe para ouvir histórias das primeiras rainhas Taban – guerreiras que, acompanhadas por seu séquito de falcões domesticados, tinham descido das montanhas mais altas nos Sikurzoí para governar os shu. *Taban yenok-yun*, elas eram chamadas. A tempestade que perdurou.

O palácio fora construído por aquelas rainhas, e ainda era uma façanha assombrosa de engenharia e beleza. Ele pertencia à dinastia Taban. Pertencia ao povo. E, por aquele breve momento – apenas alguns passos contados na marcha da linhagem Taban –, pertencia a Makhi. Ela sentiu seu humor abrandar quando eles entraram na Corte da Asa Dourada. Era um cômodo com luz brilhante e água corrente, as fileiras de arcos esguios da varanda emoldurando as sebes podadas e as fontes borbulhantes dos jardins reais abaixo, e, além deles, os pomares de ameixa de Ahmrat Jen, as árvores dispostas como um regimento de soldados em fileiras perfeitas.

Era inverno em Ravka, mas em Shu Han, naquela terra abençoada, o sol ainda ardia quente.

Makhi saiu na varanda. Era um dos poucos lugares onde ela achava seguro conversar, distante dos olhos intrometidos e dos ouvidos curiosos de criados e espiões. Uma mesa de vidro verde tinha sido disposta com jarros de vinho e água e uma bandeja de figos maduros. No jardim abaixo, ela viu sua sobrinha Akeni brincando com um dos filhos do jardineiro. Se Makhi não gerasse filhas com um dos seus consortes, decidira que Akeni herdaria a coroa um dia. Ela não era a mais velha das garotas Taban, mas mesmo aos oito anos era claramente a mais inteligente. Uma surpresa, dado que sua mãe tinha a profundidade de um prato de jantar.

— Tia Makhi! — gritou Akeni lá de baixo. — Achamos um ninho de passarinho!

O filho do jardineiro não olhou diretamente para a rainha nem falou com ela; só ficou parado em silêncio ao lado da companheira de brincadeiras, com os olhos fixos nas sandálias rotas.

— Você não deve tocar nos ovos — disse Makhi de cima. — Olhe, mas não toque.

— Não vou tocar. Quer flores?

— Me traga uma ameixa amarela.

— Mas elas são azedas!

— Me traga uma e eu contarei uma história para você. — Ela viu as crianças correrem rumo ao muro sul do jardim. As frutas ficavam nos galhos mais altos, e seria preciso tempo e engenhosidade para alcançá-las.

— Ela é uma boa criança — observou Yerwei do arco atrás dela. — Talvez obediente demais para se tornar uma boa rainha.

Makhi o ignorou.

— A princesa Ehri está viva — ele disse.

Ela agarrou o jarro e o lançou nas pedras abaixo.

Arrancou as cortinas das janelas e as rasgou com as unhas.

Enterrou o rosto nas almofadas de seda e gritou.

Ela não fez nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, jogou o convite sobre a mesa e tirou a coroa pesada da cabeça. Era de platina pura, coberta espessamente de esmeraldas, e sempre fazia seu pescoço doer. Makhi a deixou ao lado dos figos e se serviu

de uma taça de vinho. Os criados deveriam atender a essas necessidades, mas ela não os queria por perto naquele momento.

Yerwei entrou silenciosamente na varanda e se serviu de vinho sem pedir permissão.

— Sua irmã não deveria estar viva.

A princesa Ehri Kir-Taban, tão amada pelo povo, tão preciosa – por motivos que Makhi nunca fora capaz de entender. Ela não era sábia, nem bela, nem interessante. Só sabia sorrir afetadamente e tocar o *khatuur*. No entanto, era adorada.

Ehri deveria estar morta. O que tinha dado errado? Makhi fizera seus planos cuidadosamente. Eles deveriam ter terminado tanto com o rei Nikolai quanto com a princesa Ehri mortos – e Fjerda culpada pelos assassinatos. Sob o pretexto de vingar o assassinato da amada irmã, Makhi marcharia para um país sem rei e sem leme, arrebanharia os Grishas deles para o programa de *khergud* e usaria Ravka como base para deflagrar guerra contra os fjerdanos.

Tinha escolhido sua agente a dedo: Mayu Kir-Kaat era membro da própria Taygharad da princesa Ehri. Era uma guerreira e espadachim jovem e talentosa, e, mais importante, estava vulnerável. Seu irmão gêmeo tinha desaparecido de sua unidade militar e a família fora informada de que o jovem morrera em ação. Mayu, porém, tinha adivinhado a verdade: ele fora selecionado para se tornar um dos *khergud* e introduzido no programa Coração de Ferro, que o tornaria mais forte e mais letal – e não inteiramente humano. Mayu tinha implorado que ele fosse libertado antes que a conversão pudesse ocorrer e devolvido ao serviço como um soldado regular.

A rainha Makhi sabia que o processo para se tornar *khergud* – ter aço Grisha fundido aos ossos ou asas mecânicas acopladas às costas – era doloroso. Mas diziam que o processo fazia algo mais, que os soldados levados para o programa emergiam alterados de modos terríveis, que os *khergud* perdiam alguma parte fundamental de si mesmos na conversão, como se a dor queimasse uma parte do que os tornava humanos. É claro, Mayu Kir-Kaat não queria isso para o irmão. Eles eram gêmeos, *kebben*. Não existia elo mais íntimo. Mayu tiraria a própria vida e a vida de um rei para salvá-lo.

A rainha Makhi baixou o vinho e pegou um copo de água no lugar. Precisaria ter a cabeça desanuviada para o que estava por vir. Sua ama lhe

dissera uma vez que ela devia ter tido um irmão gêmeo, mas ele entrara no mundo natimorto. “Você consumiu a força dele”, ela tinha sussurrado, e mesmo então Makhi já sabia que um dia seria uma rainha. O que poderia ter acontecido se o irmão tivesse sobrevivido? Quem Makhi teria se tornado?

Agora não fazia diferença.

O rei de Ravka continuava perfeitamente vivo.

Assim como a irmã dela.

A situação era ruim, mas a rainha Makhi não tinha certeza do quanto. Será que Nikolai Lantsov sabia da trama contra ele? Será que Mayu perdera a coragem e contara à princesa Ehri sobre o plano verdadeiro? Não. Ela se recusava a acreditar. O elo dos *kebben* era forte demais para isso.

— Esse convite parece uma armadilha — ela disse.

— A maioria dos casamentos é.

— Poupe-me de seus gracejos, Yerwei. Se o rei Nikolai souber...

— O que ele pode provar?

— Ehri pode ter muito a dizer. Dependendo do que souber.

— Sua irmã tem uma alma gentil. Ela jamais acreditaria que você seria capaz de um subterfúgio desses, e certamente nunca falaria contra você.

Makhi bateu no convite.

— Então explique isto!

— Talvez ela tenha se apaixonado. Ouvi dizer que o rei é muito charmoso.

— Não seja ridículo.

A princesa Ehri tomara o lugar de Mayu na Tavgharad. Mayu tinha ido disfarçada como a princesa Ehri. A tarefa de Mayu era se aproximar do rei Nikolai, assassiná-lo e então tirar a própria vida. Até onde a princesa Ehri sabia, isso seria o fim. Mas, na invasão que se seguiria, vidas inevitavelmente seriam perdidas e a Tavgharad tinha ordens de garantir que Ehri fosse uma das baixas. Elas haviam sido designadas para cuidar de Ehri, mas seguiam apenas as ordens da rainha. Os ministros de Makhi jamais saberiam do plano que ela tinha engendrado. Então o que dera errado?

— Vossa Alteza deve ir ao casamento — disse Yerwei, em tom de sermão. — Todos os seus ministros esperam que vá. É a realização dos planos deles para a paz. Eles acham que você deveria estar extasiada.